

# O Christianismo

## JORNAL RELIGIOSO

FÊ

ESPERANÇA

CARIDADE

*Assignatura*

Ovar (anno)..... 600 reis  
Pelo correio..... 700 »  
Redacção e Administração, R.  
da Graça—Ovar

Director—*Manoel Lopes Guilherme*

Proprietario e Adm.<sup>or</sup>—*Plácido Augusto Veiga*

Composição e impressão, Typ. «Ovarense»  
—\* Rua da Graça—OVAR \*—

*Annuncios*

Por cada linha..... 50 reis  
Repetição..... 25 »  
*Acceita-se collaboração desde que seja religiosa.*

## A Ressurreição

(EXCERPTO)

Jerusalem apresentava n'aquelle dia o aspecto ruidoso d'uma cidade que se diverte. O Templo de Israel, a morada de Jehovah, onde se crystallisou a arte d'uma civilização que passou e onde palpitou a vida de um povo que morreu, confundia, à volta das suas piscinas, na vastidão austera dos seus atrios, toda a população que se espalhava entre o Jordão e o Mar Vermelho, desde o Eglon e Engadi, pelo sul até às cumeadas do Garizzim.

Celebrava-se a festa da Paschoa. Comemorava-se uma libertação que a Biblia mencionava, que a tradição transmitia e que todos guardavam com profunda religiosidade.

Mais que uma festa religiosa era a comemoração nacional d'um acontecimento muito seu, junta com a publica affirmação do seu exclusivismo religioso.

Dias antes no tribunal do procurador romano ventilara-se uma causa em que era alvejado esse exclusivismo.

Um filho de Judá, descendente humilde d'uma familia que fôra nobre, ousara proclamar-se o Redemptor de Israel.

Mas porque o seu verbo inspira-

do proclamava a egualdade, porque, na apologia da fraternização sahia dos estreitos limites do povo que lhe foi berço para comprehender a humanidade inteira, os membros do synhedrio, a influencia religioso-politica da nacionalidade judaica pregou-o em uma cruz para escarmento de quantos ousassem atacar a arca santa das suas crenças ou o conjuncto inalteravel das suas tradições.

Apesar de supliciado, porém, esse Homem Santo e Justo que as multidões tinham seguido em romaria pelo deserto e que parava junto das cisternas à hora do sol-posto para converter as samaritanas, era ainda a preocupação dos escribas e doutores.

E' que alguma coisa de anormal se havia passado. O seu cadaver apesar de guardado à vista pelos legionarios do Pretor, desaparecera do sepulchro.

Roubado? um judeu não ousaria atacar os soldados que o guardavam. Tinha resuscitado. Vira-o Maria Magdalena muito cedo nas immediações do sepulchro, tinham-no visto os discipulos que seguiam para Emauz, viram-no os apostolos congregados no cenaculo e os proprios soldados romanos costumados a não fugir, contavam aterrorisados o acontecimento extraordinario.

O facto era visivel, o seu appa-



recimento era real. Era Elle, era o Filho de Deus que, triumphante da morte, vinha affastar ainda mais as partes do véu do Templo que se rasgara do alto abaixo para mostrar o céu sem nuvens d'um horisonte larguissimo onde o pensamento podia voar ousado e livre como em atmospheria de verdade.

Este dia era o primeiro d'uma epocha, era o começo d'um imperio em que a lei seria a caridade, a força seria a virtude, as armas seriam as preces, a vida seria uma esperança e a morte seria um triumpho.

.....  
Muros a dentro da cidade de Jerusalem ha duas reuniões.

Motiva-as o mesmo acontecimento, excluem-se nos seus intuitos.

Ambas fallam em Jesus resuscitado.

N'uma testemunha-o Maria Magdalena, testemunham-n'o os discipulos de Emauz e vem Elle proprio dar a paz que é divisa da sua doutrina.

E' o Cenaculo.

N'outra testemunharam-n'o os soldados que guardavam o sepulchro— é a synagoga.

Que sahirá d'ellas?

O conflicto violentissimo de ideas que se não combinam; a perseguição desapiedada a homens que são pacificos.

Em uns o apego a um passado, o respeito a uma tradição, a guerra a uma doutrina e a morte aos seus sequazes.

Em outros o desapego a uma existencia, o ardor n'uma convicção, a confiança n'uma conquista, a passividade heroica n'uma resistencia.

Os primeiros teem a força, os segundos teem o direito.

Era preciso que não transpirasse a noticia da ressurreição.

Era preciso que esse povo que em devota promiscuidade se reu-

nia em Jerusalem não levasse para a sua região nem sequer a desconfiança, d'um acontecimento tão extraordinario, porque a nação judaica queria continuar a viver a sua vida nacional isolada dos outros povos.

Mas não pode soldar-se a cratera d'um vulcão em actividade. A ressurreição era um facto tão estrondoso e tão grande que nada a podia occultar. Constava em Jerusalem, em breve constaria em Roma e de Roma havia de encher o mundo com uma rapidez inaudita.

Porque era um sinete que marcava a divindade d'uma doutrina invocar-se-ia em toda a parte, provar-se-ia em todas as regiões onde soasse a boa nova.

A opposição do synhedrio resultaria impotente. A perseguição e a morte não conseguiriam entibiar a coragem e a dedicação dos mais avantajados cooperadores da obra de Jesus Christo.

E' que á força d'uma idéa, ao ardôr d'uma crença se ha espadas que se opponham não ha influencias que dominem.

Havia diante de si um mundo para conquistar!?

O Espirito Santo fallaria pelas suas linguas e os povos viriam em multidão ouvir da sua bocca o verbo illuminado que trazia a redempção.

Jesus Christo tinha resuscitado e as suas almas de apostolos que o eram de outros tantos gigantes, que valeriam por outros tantos exercitos, sentir-se-iam tambem rejuvenescer para a vida mais levantada para munus mais sacrosanto que a hombros humanos podia ser commettido.

Tinham tido o exemplo vivo no proceder do Divino Mestre. Haviam-n'o seguido passo a passo, dia a dia, na curva mais luminosa que uma



existencia pôde desenvolver.

Tinham-n'o visto chorar junto do tumulto de Lazaro porque era homem, porque era amigo, tinham-n'o visto perdoar à mulher adúltera porque era Deus, porque era misericordioso. Docil e meigo tinham-n'o visto acariciar as creanças que se lhe aproximavam radiosas, corajoso e forte tinham-n'o visto expulsar do Templo os vendilhões que o profanavam.

Tinham-lhe ouvido o «*misereor super turbam*» e essa phrase sublime onde ia toda a compaixão da sua alma enternecida, trazia-lhes à imaginação o estendal de misérias que os seus olhos commovidamente tinham contemplado e podiam contemplar ainda na crua nudez d'uma realidade pungente.

Tinham-n'o visto na montanha de Capharnaum, á hora calma d'uma tarde do oriente tepida e balsâmica, sobresahir nas linhas correctissimas do seu perfil adoravel, por sobre uma multidão compacta e sequiosa de luz, tinham ouvido da sua bocca a glorificação dos miseraveis e na sua linguagem de doçura infinita tinham aprendido os preceitos novos d'uma religião antiga. A sua fé era inabalavel, a sua esperança no triumpho era intensissima, mas Jesus Christo para pôr ainda a ultima chancellia de divindade á doutrina que havia ensinado surge triumphante do sepulchro.

.....

Se é justo comemorar uma data que immortalisou um homem mais justo è ainda festejar um acontecimento que encheu de bem estar toda a humanidade.

Para a ressurreição de Jesus Christo portanto, bem dita na efficacia das suas consequencias o hymno triumphal dos nossos mais jubilosos alleluias.

E nas manifestações com que a

arte hoje a celebra, na alegria com que todos a bendizem, vai a consagração de toda a humanidade que sente no peito as ardencias agradabilissimas d'uma caridade sempre benefica e que tem na cabeça os nobres ideaes d'um triumpho perduravel.

Coimbra—Março, 1910.

E. B.



## LUA DA PASCHOA

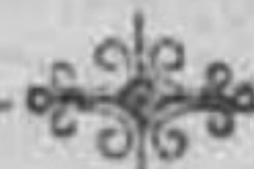
Soberba e triumphante, a lua cheia deixando em chamma toda a esteira andaz, n'uma ascensão purpúrea que incendeia anda a ferrar agora o ceu lilaz.

Leva a jornada já em mais de meia, e, embora um mar de sangue fique atraz, se com sinistra luz assim campeia, só annuncia ao mundo inteiro a paz.

Foi ella propria quem serviu de guia, quando Israel saiu do Egypto, e ávante Moysés o povo eleito conduzia.

Hoje illumina a immensidão distante p'ra que chegado o seu terceiro dia do tumulto o Messias se levante.

Antonio de Monforte.



## I. N. I. R.

Que a realeza de Jesus seja, pois, escripta em lingua hebraica, que é a lingua do povo de Deus, e em lingua grega, que é a lingua dos Santos e dos philosophos, e na lingua romana, que é a do imperio e do mundo. E vós outros oh! gregos! inventores das artes, e vós outros oh! judeus! herdeiros das promessas, e vós outros romanos, donos e senhores da terra, vinde e lêde.

Bossuet.





## N'aquelle tempo . . .

«Quem tem ouvidos para ouvir, ouça».

N'aquelle tempo, quando Jesus andava pela Terra, chegou em certa vez ao pequeno logar de Bethania, e ahí foi hospedado em casa d'uma mulher que tinha por nome Martha.

Irmã d'esta era uma penitente, de todo aquelle povo conhecida, que se chamava Maria Magdalena, perfumava-se de nardo, e tinha uns cabellos tão invejados e lindos que com elles chegou a enchugar os pés do senhor.

Mas n'esse dia, enquanto Martha andava atarefada, aparelhando e dispondo tudo para que ao divino hospede nada faltasse, Maria Magdalena, abandonando os trabalhos caseiros, esquecida d'ajudar a irmã, toda se ficou attenta para o que dizia o Salvador, e as palavras d'elle, de tal forma cahiram no seu coração, que de Pecadora que era, em Virtuosa e Santa se transformou.

Assim Elle o explicou já n'uma parábola; á beira do lago de Genesareth, chamado tambem o mar da Galiléa:

—Em verdade, em verdade vos digo: a palavra de Deus é como semente boa se em boa terra cair porque então dará abundancia de fructos, e as flores serão formosas e frescas, como as rosas de Saron e os cravos de Jericó...

Mas, impaciente e cansada, chega-se Martha ao pé do Senhor e diz-lhe assim queixosa:

—«Senhor: não vêdes que minha irmã me deixou sósinha a servir? Dizei-lhe que me ajude».

E o Senhor, tomando a palavra, lhe respondeu:

—«Martha, Martha, andas tão cuidadosa e inquieta a cuidar de tantas coisas, quando uma só é necessaria! Maria soube escolher a melhor parte, e porque o soube, ella lhe não será tirada.»

... E o Senhor partiu de casa de Martha e de Maria, que o amavam, e ficaram tristes e saudosas vendo-o partir, e foi-se

de novo pelas terras de Israel, a ensinar em parabolos a verdadeira lei aos seus discipulos, e á multidão de povo que á volta d'elle se juntava sempre que erguia a voz, até que, tendo já dado vista aos cegos de nascimento, e tendo curado um leproso em uma vez que passeava por Samaria da Galiléa, que está no caminho de Jerusalem, recebeu recado das duas irmãs, Maria e Martha, dizendo que viesse a toda a pressa, que se irmão Lazaro estava mais para a morte do que para a vida.

O Senhor respondeu ao mensageiro, «que a enfermidade de Lazaro não era de morrer», e continuou retirado nas ribeiras do Jordão.

Dois dias estavam passados e Jesus disse aos seus discipulos:

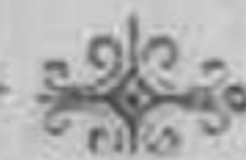
—«Vamos a Bethania; Lazaro, nosso amigo, dorme, mas eu vou acordal-o.»

Todos se pozeram a caminho, mas quando Jesus chegou a Bethania estava Lazaro ha quatro dias enterrado.

(Conclue no proximo n.º)

940—Março.

Luiz Braga.



## NOTICIARIO RELIGIOSO

As solemnidades da semana Santa, tanto n'esta villa como na freguezia de Vallega, decorreram com o maximo esplendor e brilho.

As procissões de Quinta e Sexta-feira foram imponentissimas, e os sermões pregados pelos distinctos oradores srs. Padre Bruno Telles, d'Aveiro, e Padre Cyrne, abbade de Pedroso, foram o que ha de mais sublime e de mais rico em oratoria sagrada, causando no auditorio, que era selecto, verdadeiro assombro.

—\*—\*

O dia de amanhã, 4 d'abril, é para todos os effeitos, sanctificado, visto que, tendo o *beneplicito* regio o breve pontificio que sanctificou a solemnidade da Annunciação, e sendo esta, em regra, fixa, mas passando para segunda feira de Paschoela, quando coincide com as Endoenças ou Paixão o dia 23 de Março, é essa segunda feira o dia festivo como já occorreu em 1864.

